

12

A Crítica Com Endereço de Gênero: Mulheres no Poder entre a Desqualificação e a Resistência

Gender-Addressed Criticism: Women in Power Between Disqualification and Resistance

La Crítica con Dirección de Género: Mujeres en el Poder entre la Descalificación y la Resistência

La Critique à L'adresse du Genre: Les Femmes au Pouvoir entre Disqualification et Resistance

La Critica con Indirizzo di Genere: Donne al Potere tra Delegittimazione e Resistenza

Yasmin Luna

Estudante da Faculdade de Direito da USP (2º semestre)
e membra do Núcleo de Expressão Feminina da USP.
e-mail: yasminluna221106@gmail.com

Sofia Planas

Estudante da Faculdade de Direito da USP (4º semestre)
e membra do Núcleo de Expressão Feminina da USP.
e-mail: sofiaplanas@usp.br

Yasmin Abdala

Estudante da Faculdade de Direito da USP (2º semestre)
e membra do Núcleo de Expressão Feminina.
e-mail: yasminabdala11@outlook.com

Enviado em: 08.08.2026

Aceito em: 28.08.2026

RESUMO

A estrutura social binária perpetua a desigualdade de gênero ao confinar mulheres a arquétipos de passividade enquanto reserva o progresso aos homens. Essa mentalidade arcaica ignora a realidade exaustiva da jornada feminina e sustenta barreiras que dificultam o acesso de mulheres a cargos de liderança. Ao ocuparem espaços de prestígio, as profissionais enfrentam diversos mecanismos de deslegitimação que visam minar sua autoridade e competência. Entre essas táticas, há a infantilização, a rotulação emocional e a exigência desproporcional de provas técnicas como formas de opressão. Além disso, o uso de humor hostil e a violência moral são ferramentas para destruir a reputação feminina no ambiente de trabalho. As barreiras estruturais sustentam a desigualdade de gênero no mercado de trabalho brasileiro, destacando como o ambiente corporativo favorece o perfil masculino. O impacto negativo da disparidade salarial e do preconceito contra a maternidade são fatores que frequentemente resultam na exclusão de mulheres qualificadas. Além das dificuldades financeiras, a pressão psicológica constante exige das profissionais uma excelência inatingível para validarem suas competências. Essa vigilância rigorosa sobre a intelectualidade feminina gera um ciclo de exaustão mental e silenciamento criativo. Por fim, a desvalorização sistemática culmina em altos índices de adoecimento psíquico entre as trabalhadoras.

Palavras-chave: Críticas; Gênero; Desigualdade; Poder; Mulheres.

ABSTRACT

The binary social structure perpetuates gender inequality by confining women to archetypes of passivity while reserving advancement for men. This archaic mindset ignores the grueling reality of women's daily lives and perpetuates barriers that hinder women's access to leadership positions. When women occupy positions of prestige, they face various mechanisms of delegitimization aimed at undermining their authority and

competence. Among these tactics are infantilization, emotional labeling, and the disproportionate demand for technical proof as forms of oppression. Furthermore, the use of hostile humor and moral violence are tools used to destroy women's reputations in the workplace. Structural barriers perpetuate gender inequality in the Brazilian labor market, highlighting how the corporate environment favors male profiles. The negative impact of the wage gap and prejudice against motherhood are factors that frequently result in the exclusion of qualified women. In addition to financial difficulties, constant psychological pressure demands that women achieve unattainable levels of excellence to validate their competencies. This rigorous scrutiny of women's intellectual abilities creates a cycle of mental exhaustion and creative silencing. Ultimately, systematic devaluation leads to high rates of mental illness among female workers.

Keywords: Criticism; Gender; Inequality; Power; Women.

RESUMEN

La estructura social binaria perpetúa la desigualdad de género al confinar a las mujeres a arquetipos de pasividad, mientras reserva el progreso a los hombres. Esta mentalidad arcaica ignora la realidad agotadora de la jornada femenina y sostiene barreras que dificultan el acceso de las mujeres a cargos de liderazgo. Al ocupar espacios de prestigio, las profesionales enfrentan diversos mecanismos de deslegitimación destinados a socavar su autoridad y competencia. Entre estas tácticas se encuentran la infantilización, el etiquetado emocional y la exigencia desproporcionada de pruebas técnicas como formas de opresión. Además, el uso del humor hostil y la violencia moral constituyen herramientas para destruir la reputación femenina en el entorno laboral. Las barreras estructurales sostienen la desigualdad de género en el mercado laboral brasileño, destacando cómo el entorno corporativo favorece el perfil masculino. El impacto negativo de la brecha salarial y del prejuicio contra la maternidad son factores que con frecuencia resultan en la exclusión de mujeres

cualificadas. Además de las dificultades financieras, la presión psicológica constante exige de las profesionales un nivel de excelencia inalcanzable para que puedan demostrar sus competencias. Esta vigilancia rigurosa sobre la capacidad intelectual femenina genera un ciclo de agotamiento mental y silenciamiento creativo. Finalmente, la desvalorización sistemática culmina en altos índices de malestar psicológico entre las trabajadoras.

Palabras clave: Críticas; Género; Desigualdad; Poder; Mujeres.

RÉSUMÉ

La structure sociale binaire perpétue les inégalités de genre en confinant les femmes à des archétypes de passivité tout en réservant le progrès aux hommes. Cette mentalité archaïque ignore la réalité épuisante de la double journée des femmes et maintient des barrières qui entravent leur accès aux postes de direction. Lorsqu'elles occupent des fonctions prestigieuses, les professionnelles sont confrontées à divers mécanismes de délégitimation visant à saper leur autorité et leurs compétences. Parmi ces tactiques figurent l'infantilisation, l'étiquetage émotionnel et l'exigence disproportionnée de preuves techniques comme formes d'oppression. En outre, l'utilisation d'un humour hostile et la violence morale constituent des outils visant à détruire la réputation des femmes dans le milieu professionnel. Les barrières structurelles perpétuent les inégalités de genre sur le marché du travail brésilien, mettant en évidence la manière dont l'environnement professionnel favorise le profil masculin. L'impact négatif de l'écart salarial entre les sexes et les préjugés à l'égard de la maternité sont des facteurs qui entraînent fréquemment l'exclusion de femmes qualifiées. Au-delà des difficultés financières, la pression psychologique constante exige des professionnelles un niveau d'excellence inatteignable afin qu'elles puissent démontrer leurs compétences. Cette surveillance rigoureuse des capacités intellectuelles des femmes génère un cycle d'épuisement mental et de silence créatif. Enfin, la dévalorisation

systematique se traduit par des taux élevés de souffrance psychologique chez les travailleuses.

Mots-clés : Critiques; Genre; Inégalité; Pouvoir; Femmes.

ABSTRACT

La struttura sociale binaria perpetua la disuguaglianza di genere confinando le donne ad archetipi di passività, mentre riserva il progresso agli uomini. Questa mentalità arcaica ignora la realtà estenuante della condizione femminile e mantiene barriere che ostacolano l'accesso delle donne alle posizioni di leadership. Quando occupano posizioni prestigiose, le professioniste affrontano diversi meccanismi di delegittimazione volti a minare la loro autorità e competenza. Tra queste tattiche vi sono l'infantilizzazione, l'etichettatura emotiva e la richiesta sproporzionata di prove tecniche come forme di oppressione. Inoltre, l'uso dell'umorismo ostile e della violenza morale costituisce strumenti per compromettere la reputazione delle donne sul luogo di lavoro. Le barriere strutturali perpetuano la disuguaglianza di genere nel mercato del lavoro brasiliano, evidenziando come l'ambiente aziendale favorisca il profilo maschile. L'impatto negativo del divario salariale e dei pregiudizi nei confronti della maternità sono fattori che frequentemente determinano l'esclusione di donne qualificate. Oltre alle difficoltà finanziarie, la pressione psicologica costante richiede alle professioniste un livello di eccellenza irraggiungibile per dimostrare le proprie competenze. Questa rigorosa sorveglianza sulle capacità intellettuali femminili genera un ciclo di esaurimento mentale e di silenziamento creativo. Infine, la sistematica svalutazione culmina in elevati livelli di sofferenza psicologica tra le lavoratrici.

Parole chiave: Critiche; Genere; Disuguaglianza; Potere; Donne.

Introdução

A palavra crítica tem como algumas de suas definições no Dicionário Michaelis as seguintes: “Avaliação baseada apenas na razão, com um propósito final” e “Ação ou efeito de depreciar ou censurar”. A partir disso, é possível discutir sobre a que tipo de pessoa ou atividade se direciona cada um desses significados: o primeiro, ao refletir a vontade daquele que critica em garantir que suas palavras agreguem, adicionando racionalmente um tipo de evolução a ser alcançado pelo ouvinte, demonstra uma relação de apoio. O segundo, entretanto, procura intencionalmente diminuir e desvalorizar o ouvinte, muitas vezes com impulsos de ódio. Adicionando gêneros distintos a esses ouvintes, qual deles, provavelmente, é uma mulher?

A forma com que as críticas são direcionadas às mulheres representa a agressividade de um sistema construído por homens, que dificulta o crescimento e a existência feminina em ambientes acadêmicos, profissionais e de prestígio no geral. É comum assistir a uma mulher sendo desacreditada apenas por ser mulher, por características que são depreciadas por serem estereotipicamente femininas, enquanto homens que estão sob destaque pouco são criticados independentemente de seus comportamentos.

As mulheres, na maioria dos casos, são vistas como menos capacitadas e, ao contrário dos homens, devem sempre manter uma conduta impecável, apesar de ainda assim serem atacadas.

Nesse cenário, os cargos de poder são majoritariamente ocupados por homens, quando são ocupados por mulheres, estas são muito mais questionadas e apontadas como incapazes de exercer aquele cargo corretamente. Mesmo estudando mais, se esforçando mais, descobrindo mais, elas continuam recebendo menos, ascendendo menos e obtendo menos reconhecimento que homens. O desconforto masculino com mulheres ocupando espaços revela o machismo e a forma com que homens apoiam, defendem e vangloriam outros homens, de modo a criar uma resistência cultural.

Ao refletir, portanto, sobre o efeito da misoginia e como ela é a principal responsável não só pela desvalorização das mulheres, mas também por tentar colocá-las em posição exclusiva de mãe, cuidadora do lar e submissa ao marido, é possível discutir a tentativa de reprimir figuras femininas que sempre ocorreu e vem sendo potencializada nos últimos anos no Brasil. Acompanhada pela ascensão da extrema-direita, essa onda cresce pela internet e gera ainda mais obstáculos para aquelas que procuram evoluir, seja de forma pessoal ou profissional. A violência de gênero, moral e até mesmo sexual e física é um denso obstáculo no processo de promoção feminina e torna o alcance do ponto de chegada mais trabalhoso.

Desse modo, esse artigo tem por objetivo analisar e debater, sob perspectiva histórica e atual, como as críticas se distinguem pelo gênero, os obstáculos de mulheres para atingirem e se manterem em altos cargos e como a misoginia e o apoio mútuo entre homens se relacionam com ambos os pontos.

1. Trajetória Histórica da Mulher em Espaços de Poder no Brasil

Muito do que os seres sociais são atualmente pode ser compreendido a partir do que foram no passado. Sob esse viés, a história das mulheres é parte essencial para que se possa compreender o todo histórico, visto que impacta enormemente o mundo hodierno. Mais especificamente, para fins deste artigo, a trajetória feminina marca profundamente o Brasil, país que carrega em si, como um brado retumbante, as consequências de alimentar raízes patriarcais.

Entende-se, todavia, ser impossível reunir em poucas páginas a totalidade do complexo percurso enfrentado pelas mulheres brasileiras ao longo dos séculos. Dessa forma, o que se destaca para fins deste tópico não é a multiplicidade de dinâmicas pessoais vividas de modo heterogêneo pelas mulheres no Brasil, apesar de não se poder negar que existiam divergências importantes entre elas individualmente, a depender de fatores como origem, classe social,

etnia, sexualidade e orientação religiosa. O que se analisa neste tópico, portanto, é a função social exercida pelas mulheres em diferentes épocas históricas, a partir da forma que eram vistas e, assim, definidas pelas lentes masculinas, e a consequente resistência, que as levam a espaços de poder, antes totalmente masculinos.

1.1 Síntese histórica

Em perspectivas gerais, os costumes dos povos indígenas do território brasileiro pouco se assemelhavam às expectativas sociais dos europeus em relação às mulheres, mais especificamente no âmbito familiar (PRIORI, 2004). Segundo os testemunhos de viajantes europeus que descreviam o cotidiano indígena de modo enviesado, o instinto materno esperado das grávidas era pouco presente entre as mulheres das tribos. Cria-se, tão cedo na história feminina do Brasil, o imaginário da mãe indígena selvagem, a qual se contrapõe a figura da mãe europeia, esta sim tida como cuidadosa e amorosa para com sua família — papel desenvolvido para ser ocupado pela mulher. Isso irá, de certa forma, moldar a cultura patriarcal e racista brasileira.

Não se pode esquecer, portanto, a fundamentação cristã do machismo. O sexo feminino era visto como mais propenso ao pecado por figuras importantes da Igreja Católica, devido a sua suposta fraqueza e imoralidade, ambas expressas no episódio em que Eva é a primeira a comer a maçã, influenciando, posteriormente, Adão a comê-la. Assim, a tentativa de controle do corpo feminino, com origem em diversas justificativas de cunho patriarcal, foi uma tática que percorreu todas as fases da sociedade brasileira.

O sexo feminino e sua potencial capacidade de geração da futura humanidade causou muitas ameaças a uma perspectiva de mundo que pregava equilíbrio e ordem às custas da maioria. Com o surgimento da inquisição portuguesa, que chega de modo mais contido ao Brasil, a repressão feminina aumentou (PRIORI, 2004).

Com um grande salto temporal, chega-se no século XIX, responsável por abarcar mudanças fundamentais na sociedade brasileira, porém que outros países já haviam enfrentado. Em “Um teto todo seu” (1929) a escritora Virginia Woolf expressa seus

pensamentos sobre a importância da independência econômica para que as mulheres possam se inserir na literatura e, assim, na vida pública.

Pode-se inferir, então, que a ascensão do capitalismo desperta em muitas mulheres pelo mundo o pensamento de que a emancipação feminina estaria ligada à independência financeira. Isso porque, no sistema capitalista, uma mulher que não tem seu sustento refém da vontade de um homem pode, em tese, expressar-se com maior liberdade, atuando sem a tutela masculina e, enfim, como sujeito social ativo.

No mundo contemporâneo, entretanto, reconhece-se que apesar de ser impossível a emancipação feminina se concretizar enquanto estas não tiverem seu próprio sustento, tampouco a liberdade financeira garante, para todas as mulheres, a emancipação (BEAUVOIR, 1949).

1.2 Da Desqualificação à Resistência: Avanços Históricos e Disputas em Curso

De volta às terras brasileiras, a ascensão da burguesia em detrimento da vida rural, típica do Brasil por séculos, fez surgir um tipo ideal de núcleo familiar em que a mulher se preocupa com a maternidade e casa, e o homem é o responsável por tomar a maioria das decisões.

Em meio às transformações trazidas com o século XIX, há a efervescência de produções intelectuais com o aumento da imprensa, o que resulta em uma inserção feminina nos debates públicos, exemplo é a célebre escritora Nísia Floresta, feminista que defendeu, publicamente, os direitos das mulheres em um século em que estes eram escassos.

Em suma, o grande foco das ideias feministas que percorriam diferentes países em busca de mais adeptas era a igualdade de educação. Mary Wollstonecraft, em seu pioneiro *“A Vindication of the rights of women”* (1792), argumenta que a submissão feminina se dá

pelo tipo de educação oferecido de modo desigual entre os gêneros, que leva um a se submeter ao outro.

Nesse sentido, a Lei de 15 de outubro de 1827, primeira norma geral sobre educação do Brasil Imperial, determinou a separação de currículos por gênero. Assim, as meninas aprendiam, além de ler e escrever, economia doméstica (como corte e costura), com menos foco em matemática complexa.

Nota-se que o fito da educação feminina envolvia os cuidados com a casa e com os filhos, a fim de agradar seu futuro esposo. Mesmo assim, essa instrução educacional, mesmo que precária e desigual, fez surgir uma literatura de mulheres, mais especificamente de periódicos, em que o público feminino era o principal alvo (WERNECK, 1985). Após muita reivindicação, inclusive por meio de obras literárias, foi permitido o ingresso das mulheres ao ensino superior, pela lei da reforma educacional, de 1879.

Nesse mesmo período, muitas imigrantes vieram ao Brasil para trabalhar nas fábricas, porém a diferença salarial somada às constantes importunações físicas e sexuais, tornavam o ambiente fabril mais desafiador para as mulheres. A desqualificação do trabalho feminino era útil para os homens, que preservavam suas posições laborais e se protegiam mutuamente. Mesmo assim, a presença feminina é fato documentado (PRIORI, 2004).

O século XX no Brasil marca a primeira onda do feminismo, com a criação do Partido Republicano Feminino (RANIERE, 2024, p. 22). Foi fundado em 1910, no Rio de Janeiro, na época ainda capital federal, pela professora e sufragista Leolinda de Figueiredo Daltro. Ressalta-se que o primeiro partido político feminista não surge, a priori, para tentar eleger mulheres nos cargos públicos, uma vez que apenas em 1932, por meio do Decreto 21.076, as mulheres puderam votar e, assim, ser votadas. Desse modo, as integrantes lutavam pela conquista do sufrágio feminino, caminho imprescindível para a total inserção das mulheres à vida pública (MARQUES, 2019).

Com alguns avanços feministas, conquistados por meio de muita resistência das mulheres, destacam-se alguns marcos do século XXI. Em 14 de dezembro de 2000, Ellen Gracie tomou posse como a

primeira ministra do Supremo Tribunal Federal. Em 2010, o eleitorado brasileiro elegeu por mais de 47 milhões de votos a primeira presidente mulher do Brasil, Dilma Rousseff. Em 2006, passa a vigorar a Lei Maria da Penha, nº 11.340/2006, que coíbe a violência doméstica contra as mulheres e é considerada um marco da legislação brasileira, pois trata a violência doméstica como um problema público, a qual antes era considerada problema privado, apenas entre o casal.

2. A Crítica com Endereço: Como o Julgamento se Distribui de Forma Desigual Entre Homens e Mulheres

A desigualdade na quantidade e no nível das críticas que homens e mulheres recebem representa um ideal misógino e a persistência dos papéis de gênero construídos pelo sistema patriarcal. Em ambientes acadêmicos e profissionais, por exemplo, relatos de mulheres que foram ofendidas, agredidas ou se sentiram prejudicadas com relação a seu gênero são comuns, como mostra o levantamento da Agência Patrícia Galvão, no qual, dentre mais de mil mulheres entrevistadas em todo Brasil, no ano de 2020, 76% delas relataram já ter sofrido algum tipo de violência, seja ela de caráter moral, física ou sexual no trabalho (IPG, 2020). Nessa mesma pesquisa, dados demonstram que mulheres são mais discriminadas por aparência, idade, conduta, entre outras características exteriores ao ambiente de trabalho, que homens.

Nesse sentido, mulheres são mais alvos de críticas e agressões, não só em relação à qualidade de seu trabalho, como em pontos que vão além dele, o que dificilmente ocorre com homens. A explicação para esse desequilíbrio encontra-se principalmente na misoginia e no machismo estrutural, visto que o ódio ao gênero feminino e a estereotipização da mulher criam maior dificuldade na aceitação em espaços que antes eram ocupados majoritariamente por homens (e em alguns casos ainda são). Além disso, o sistema patriarcal coloca a mulher em posição de submissão, tendo suas principais funções a administração do lar e a criação dos filhos, além da devoção ao “provedor do lar”.

Nos últimos anos, o sistema patriarcal, aliado à nova ascensão da extrema-direita, que valoriza papéis de gênero e modelo conservador, de modo a vangloriar o homem como chefe de família e estabelecer a mulher como submissa e do lar, deslegitima mulheres que lutam por suas carreiras e utiliza o ódio e as críticas como mecanismo para dificultar seu caminho. Como disse Simone de Beauvoir (1949, p. 7) “e, contudo, dizem-nos que a feminilidade ‘corre perigo’; e exortam-nos: Sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres”.

Além disso, a competência em relação ao trabalho ainda está em grande parte atrelada aos homens, sendo estes considerados mais preparados para certos cargos, geralmente os de poder. Seriam as mulheres menos dedicadas e interessadas em seus estudos e trabalho, portanto, menos competentes? Não, 59,1% das 10 milhões de matrículas realizadas em cursos superiores no ano de 2023 foram ocupadas por mulheres (INEP, 2023) e, de 10 áreas analisadas, em 8 delas a porcentagem de mulheres que concluíram seus cursos era maior que a de homens, como mostra o Censo da Educação Superior (INEP, 2024). Sendo assim, não há justificativa pautada em nível de escolaridade que explique esse preconceito. No entanto, mulheres ainda são desvalorizadas perante seu nível de competência por construções culturais.

2.1 O Que se Critica: Competência (Homens) Versus Aparência, Tom e Personalidade (Mulheres)

Usualmente, o caráter apresentado pelas críticas quando direcionadas aos homens no ambiente de trabalho é especialmente profissional, remetem a erros ou inconsistências a serem reparadas em seu trabalho e, muitas vezes, vindas de outros homens, têm o objetivo de serem construtivas e não ofensivas. Por que, quando direcionadas às mulheres, o caráter das críticas é distinto?

Em discrepância, as críticas direcionadas ao público feminino abrangem muito mais que a qualidade do seu trabalho, somam-se os comentários e cobranças em relação a como se portam, sua aparência física, como se vestem, quantos anos têm, se são casadas, se são mães,

entre outros pontos que não são preocupações igualmente relevantes ao se tratarem de homens no mercado de trabalho. A criação dos filhos, por exemplo, é atribuída majoritariamente à mãe, o que dificulta a inserção e manutenção da mulher no mercado e gera uma “penalidade materna”, visto que a maternidade é vista como um impedimento para engatarem ou seguirem em jornadas de trabalho, enquanto a paternidade não (PESSANHA; LIMA, 2026).

Ademais, a utilização de estereótipos alinhados à ideia de mulheres como seres frágeis, “mulheres são mais sensíveis/menos racionais”, também é uma forma de tentar diminuir sua capacitação, seguindo um pensamento de que a “masculinidade” é necessária porque representa racionalidade e estabilidade, enquanto a “feminilidade” representa desequilíbrio emocional e, portanto, é menos adequada ao profissionalismo.

Tem-se como exemplo o tratamento midiático, e da sociedade como um todo, com a ex-Presidente Dilma Rousseff, uma vez que a revista “IstoÉ”, em 2016, publicou a seguinte matéria: “As Explosões Nervosas da Presidente: Em surtos de descontrole com a iminência de seu afastamento e completamente fora de si, Dilma quebra móveis dentro do Palácio, grita com subordinados, xinga autoridades, ataca poderes constituídos e perde (também) as condições emocionais para conduzir o País”. Evidentemente, o tratamento com um homem não seria o mesmo, a “ausência de condições emocionais para conduzir o País” explicita o machismo que cerca as opiniões sobre a ex-Presidente (MARQUESSANTOS, 2018, p. 21)

Sendo assim, cabe destacar o conceito de vieses inconscientes: pessoas são influenciadas por estereótipos que distorcem personalidades com base em normas culturais, religiosas ou sociais. Isso reflete no julgamento em relação às mulheres, gerando dificuldades na contratação dessas, principalmente para cargos mais altos (KERR, 2023, p. 5).

Por conseguinte, o esforço necessário para o destaque, e até mesmo para a permanência no ambiente profissional, é mais intenso para as mulheres. Além de um bom trabalho, também precisam

superar as barreiras das críticas e cobranças desproporcionais, da violência de gênero, dos estereótipos, manter sua aparência e conduta impecáveis e, em grande parte dos casos equiparar o trabalho com a criação dos filhos e a manutenção do lar.

3. O Peso Simbólico do Poder Ocupado Por Mulheres

Ao compreender os avanços históricos da inserção feminina nos espaços de poder no Brasil, necessita-se pontuar que tais espaços são simbólicos em uma sociedade que ainda carrega marcas do machismo que visa a desqualificar mulheres em posições de destaque. O feminismo permite analisar os espaços de poder no Brasil sob o ponto de vista da trajetória histórica da mulher na sociedade verde-amarela, uma vez que as estruturas sociais e políticas foram desenvolvidas para limitar a participação de grande parte da população, como as mulheres (MELO, 2017).

Além do supracitado, questiona-se, atualmente, a razão de as mulheres ainda serem sub-representadas em cargos de liderança, seja no ambiente público, seja no privado, apesar de ter havido um longo processo de conquista de direitos formais (FERNANDEZ; MARQUES; CORRÊA, 2024, p. 20). Sob a perspectiva da teoria crítica feminista, esse cenário não se dá por escolhas individuais das mulheres, que optam por não ocupar lugares de destaque na sociedade, mas sim de estruturas que reproduzem relações de poder de cunho patriarcal (MELO, 2017).

Não obstante as conquistas feministas ao longo do tempo, persistem diversos tipos de desigualdade de gênero, como violências, disparidade de oportunidades e sub-representação política. Um ponto importante de ser levantado neste tópico sobre simbolismo da conquista do poder é a diferença entre política de ideias e política de participação (CFEMEA, 2023). Tal distinção se baseia no argumento de que a presença de mulheres em cargos políticos de liderança sem a devida conscientização dos problemas enfrentados pela maioria das mulheres brasileiras não representa grandes avanços feministas. Isso porque a política de ideias seria a verdadeira responsável pelo

desenvolvimento e efetivação de políticas públicas que englobam pautas caras às mulheres (CFEMEA, 2023).

Apesar de ser muito importante haver vozes femininas na política que pautem projetos feministas, há outras formas de se exercer poder na sociedade hodierna, por exemplo por meio da faculdade de contribuir em decisões que afetam a vida em comum. Por isso, a participação das mulheres em universidades, empresas e parlamentos é imprescindível para a contínua superação da desigualdade de gênero (PINTO, 2010).

4. Os Mecanismos de Deslegitimação de Mulheres em Cargos de Poder

Habitamos uma sociedade que insiste em se afirmar binária, segmentada em um universo onde há dois mundos — um firmado na monotonia da submissão que acalenta passivamente; e outro baseado no progresso que dirige a ordem e controla (BOURDIEU, 2002). “Mulheres são de Vênus e Homens são de Marte” é o que vigora nessa estrutura. Sob esse pensamento arcaico, cria-se um ideal desconexo da realidade, uma vez que o conforto e a inércia relacionados ao cosmos feminino não parecem impactar seu cotidiano na atualidade, desde a dupla jornada de trabalho por mães-solo até a postura comedida das “donas de casa” de um país em que 70% dos casos de agressão por misoginia ocorrem dentro dos lares (AGÊNCIA BRASIL, 2025).

Propaga-se, então, a dualidade utópica que sucumbe em um “binarismo” incapaz de conferir um cenário justo à mulher. O mercado de trabalho bem remunerado advindo dos cargos de poder, nesse sentido, torna-se quase inalcançável à trabalhadora que lida com a supervalorização do indivíduo masculino no labor e hostiliza a manifestação do feminino. Surgem, assim, mecanismos de deslegitimação de mulheres que subvertem essa lógica ocupando espaços canônicos de prestígio e liderança.

A seguir, estão apresentados os mais comuns traços de invalidação do protagonismo da mulher em cargos de comando (FGV, 2022):

- **Infantilização:** é a estratégia utilizada, em geral, contra mulheres que expressam suas ideias de maneira ativa e confiante. Sua principal característica está no tratamento condescendente, que reduz a autoridade feminina e questiona sua competência técnica.
- **Rotulação Emocional:** essa dinâmica envolve a desacreditização da mulher enquanto indivíduo racional e busca acusar traços de assertividade na fala como histeria ou instabilidade.
- **Invalidação por Humor:** como o próprio nome sugere, é a diminuição do “status” da figura feminina no poder através do uso de linguagem vexatória que, majoritariamente, atinge aspectos externos à atuação profissional da mulher. Pode ser usado também para minimizar a gravidade de ataques dirigidos à vítima, por meio de ironia.
- **Exigência desproporcional de Provas:** é uma conduta que submete a profissional à cobrança contínua acerca de sua capacidade intelectual e técnica de forma desproporcional a que os homens são submetidos.
- **Violência Digital e Moral:** disseminação de ofensas, boatos e montagens na Internet visando destruir a reputação feminina.

A desumanização e o contínuo questionamento das capacidades de mulheres são, portanto, o principal manifesto implantado pelo patriarcado, a fim de alocar mulheres em um espaço de impotência que as impeça de ocupar os principais cargos de gestão e poder no mercado de trabalho.

4.1. Competente, mas Nunca Suficiente: A Competência Feminina sob Suspeita Permanente

A desvalorização do trabalho feminino no mercado desconhece limites e, abusiva como é, provoca suspeita constante acerca da

atuação profissional das trabalhadoras, afetando desde a situação financeira até o bem-estar psíquico.

Não é novidade que o âmbito corporativista seja estruturalmente pensado para homens, já que exige uma flexibilidade produtiva inalcançável a grande parte das mulheres como sustentáculos de seus lares e principais responsáveis pela tutela dos filhos no patriarcado. Todavia, o que ocorre quando há resistência a essa realidade e o feminino passa a ocupar os cargos do mercado que exigem tempo e qualificação?

Esperava-se que, com a superação, ou melhor, com esse acréscimo ao paradigma da reclusão feminina, a remuneração salarial alcançasse as mulheres de forma equânime, assim como ocorre entre homens, o que não foi feito. As mulheres ganham em média 21,3% a menos que os homens no setor privado (MTE, 2026). Isso é agravado pela descredibilidade ao trabalho feminino, em razão de suas tarefas externas ao setor profissional, de modo que direitos, como a “Licença-Maternidade”, repelem contratações empresariais e provocam o desligamento de metade das mães após doze meses fora do mercado de trabalho (FGV, 2017).

Além disso, o desestímulo à autonomia do pensamento feminino no contexto laboral também é consequência da suspeita permanente da capacidade das mulheres. A criatividade e o pensar masculino recebem uma escuta direcionada que legitima seus apontamentos, podendo, inclusive, celebrá-los como geniais. Enquanto isso, mulheres com uma bagagem acadêmica semelhante, ou mesmo superior à desses “prodígios” são sequencialmente subestimadas em seus “insights”, recebendo olhares que projetam histeria onde há expansividade mental. Aquelas que pretendem se destacar em face de suas ideias lidam com uma cobrança desonesta que as submete à excelência compulsória no trabalho e à performance de uma postura comedida, sempre preparada para a pior avaliação de seus feitos.

O que resta desse contexto de exaustão advinda de um esforço permanente e infrutífero é o adoecimento mental. Dos casos de

afastamento do trabalho por transtornos mentais, 64% acometem mulheres (MPS, 2025). Tal fato escancara o que há de mais naturalizado na cultura brasileira: o abuso ao ente feminino em vista de seu desvalor eminente e intelecto ignorável. Assim, cerceiam-se mulheres ilimitadas em suas capacidades.

Considerações Finais

O presente artigo teve como objetivo analisar e debater, sob uma perspectiva histórica e atual, a forma como as críticas e os julgamentos se distribuem de maneira desigual entre os gêneros, dificultando o acesso e a permanência de mulheres em altos cargos de liderança. Buscou-se compreender como a misoginia e o suporte mútuo entre homens operam como ferramentas de manutenção do patriarcado nos espaços de prestígio.

Ao responder ao problema de pesquisa, conclui-se que a deslegitimação da mulher nos espaços de poder não é um fenômeno acidental, mas sim o resultado de uma estrutura social binária que confina o feminino ao arquétipo da passividade e da domesticidade. As fontes demonstram que, embora as mulheres tenham avançado na educação formal — representando a maioria das matrículas e conclusões no ensino superior —, elas continuam enfrentando barreiras invisíveis que os homens não encontram, como a disparidade salarial e o preconceito contra a maternidade.

Os resultados evidenciam que a autoridade feminina é sistematicamente minada por mecanismos específicos, como a infantilização, a rotulação emocional (em que a assertividade é lida como histeria) e a exigência desproporcional de provas técnicas. Além disso, observou-se que as críticas direcionadas a homens tendem a ser de caráter profissional, enquanto as mulheres são julgadas por sua aparência, tom de voz e vida pessoal. Esse cenário é agravado pela ascensão de discursos de extrema-direita e pela violência digital, que buscam destruir a reputação de mulheres em destaque e forçá-las ao silenciamento.

Compreende-se, portanto, a necessidade de uma luta contra a misoginia. A desconstrução dos estereótipos e a valorização da capacidade e esforço femininos são imprescindíveis para a construção de ambientes mais aprazíveis e igualitários. Desse modo, mulheres poderão atingir cargos de poder de forma mais justa e serão avaliadas por seu trabalho, não sendo diminuídas por quem são.

Referências

AGÊNCIA BRASIL. **Em 2025, 70% das agressões contra mulheres ocorreram dentro de casa.** Brasília, 2026. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2026-04/em-2025-70-das-agressoes-contra-mulheres-ocorreram-dentro-de-casa>. Acesso em: 1º ago. 2026.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo.** Paris: Gallimard, 1949.

BRASIL. **Lei 15 de outubro de 1827.** Coleção de Leis do Império do Brasil. Rio de Janeiro. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html. Acesso em: 26 jul. 2026.

BRASIL. Lei 11.340, de 7 de agosto de 2006. Institui a Lei Maria da Penha. **Diário Oficial da União:** seção 1, Brasília, DF, ano 143, n. 151, 8 ago. 2006.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Relatório de Transparência Salarial.** Brasília, 2025. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiY2VkNTJhMmYtNWQ1Ny00Yzc1LTgyYWVtZTYyZGRlNGQyZjBjIiwidCI6IjNIYzkyOTY5LTVhNTU0NGYxOC04YWM5LWVmOThmYmFmYTtk3OCj9>. Acesso em 27 jul. 2026

BORDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina.** Bertrand Brasil, 2022. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/BOURDIEU__Pierre._A_d

omina%C3%A7%C3%A3o_masculina.pdf?1332946646. Acesso em: 1º ago. 2026.

CUNHA, Washington Dener dos Santos; SILVA, Rosemaria J. Vieira. Educação feminina do século XIX: entre a escola e a literatura. **Revista Gênero**, Niterói, v. 11, n.1, p. 97-106, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/rg.v11i1.62>. Acesso em: 25 jul. 2026.

DILMA Rousseff é eleita a primeira mulher presidente do Brasil. **Câmara dos Deputados**, Brasília, 31 out. 2010. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/tv/206269-dilma-rousseff-e-eleita-a-primeira-mulher-presidente-do-brasil/>. Acesso em: 26 jul. 2026.

FERNANDEZ, Michelle; MARQUES, Ananda; CORRÊA, Marcela Garcia. Mulheres em cargos de liderança na burocracia federal: reconhecendo desafios e identificando caminhos para a igualdade. **Movimento Pessoas à Frente**, nov. 2024. Disponível em: <https://movimentopessoasafrente.org.br/wp-content/uploads/2024/11/MULHERES-EM-CARGOS-DE-LIDERANCA-NA-BUROCRAZIA-FEDERAL-.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2026.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Mulheres na Política**. Rio de Janeiro, *Field Project*, 2022. Disponível em: https://diretorio.fgv.br/sites/default/files/arquivos/direito_rio_cartilha_mulheres_politica_ap5.pdf. Acesso em: 1º ago. 2026.

GAUTÉRIO, Rosa Cristina Hood. História do sufrágio feminino no Brasil. **Tribunal Regional Eleitoral de Santa Catarina**, Santa Catarina, v. 4, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.tre-sc.jus.br/institucional/escola-judiciaria-eleitoral/resenha-eleitoral/revista-tecnica/4a-edicao-jul-dez-2013/historia-do-sufragio-feminino-no-brasil>. Acesso em: 26 jul. 2026.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS. **Censo da Educação Superior 2023**. Brasília, DF: Diretoria de Estatísticas Educacionais, 2023. Disponível em: [notas estatisticas censo_escolar_2023_defeso](#). Acesso em: 29 jul. 2026.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS. **Censo da Educação Superior 2024**. Brasília, DF: Diretoria de Estatísticas Educacionais, 2024. Disponível em: <https://share.google/h7dJ09NTWC4oXI4jK>. Acesso em: 29 jul. 2026.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **76% das mulheres já sofreram violência ou assédio no trabalho**. 2020. Disponível em: 76% das mulheres já sofreram violência e assédio no trabalho - Violência contra a mulher em dados. Acesso em: 28 jul. 2026

KERR, Cristina. **O Impacto dos Estereótipos na Carreira das Mulheres**. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2023. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/gvexecutivo/article/view/89034/83670>. Acesso em: 29 jul. 2026.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. **O voto feminino no Brasil**. 2. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019.

MELO, Rurion Soares. Dominação de gênero e esfera pública na teoria crítica feminista. **Revista Ideação**, v. 1, n. 36, jul./dez. 2017.

MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL. **Crise de saúde mental atinge o Brasil e 64% dos afastados são mulheres**. 2025. Disponível em: <https://sitepd.org.br/2025/03/13/crise-de-saude-mental-atinge-o-brasil-e-64-dos-afastados-sao-mulheres/>. Acesso em: 1º ago. 2026

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Desigualdade salarial: mulheres ganham 21,3% menos que homens, mesmo com alta do emprego**. São Paulo, 2026. Disponível em: <https://g1.globo.com/trabalho-e-carreira/noticia/2026/04/27/desigualdade-salarial-mulheres.ghtml>. Acesso em: 1º ago. 2026.

PESSANHA, Larissa Figueiredo; LIMA, Daniella Munhoz (2026). Entre Diplomas e Fraldas: Desafios das Mulheres-Mães no Mercado de Trabalho de Nível Superior. **Revista De Geopolítica**, 17(3), e1755. Ponta Grossa, 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.56238/revgeov17n3-029> Acesso em: 28 jul. 2026

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e Política**, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/GW9TMRsYgQNzxNjZNcSBf5r/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 27 jul. 2026.

PRIORI, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

RANIERI, Nina Beatriz Stocco. **As mulheres e o estado**: fundamentos teóricos, políticos e jurídicos da atualização do estado brasileiro pós-1988. 2025. Professor Titular – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

SANTOS, John Herik Pereira Marques dos. **A Construção dos Papéis de Gênero na Política: Dilma e a Revista ISTOÉ de 6 de Abril de 2016**. Brasília: Universidade de Brasília, 2018. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/22852/1/2018_JohnHerikPereiraMarquesSantos_tcc.pdf. Acesso em: 29 jul. 2026

SILVA, Laila Correa e. Produção intelectual das mulheres nos séculos 19 a 21. **Jornal da USP**, São Paulo, 22 abr. 2025. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=880163>. Acesso em: 25 de jul. 2026.

WERNECK, Maria Helena. Mulheres e literatura no século XIX: o poder feminino sobre a pena dos escritores. **Fórum Educacional**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, abr./jun. 1986. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/fe/article/view/87635>. Acesso em: 26 de jul. 2026.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.